

Na Trama dos Dramas da Separação Amorosa

Maria Alves de Toledo Bruns

Como citar: BRUNS, M. A. D. T. Na Trama dos Dramas da Separação Amorosa. *In* : DÁTILLO, G. M. P. D. A.; CORDEIRO, A. P. (org.).
Envelhecimento humano : diferentes olhares. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.253-262. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-693-0.p253-262>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

NA TRAMA DOS DRAMAS DA SEPARAÇÃO AMOROSA

Maria Alves de Toledo Bruns

Considero que tanto na procura da satisfação de um desejo sexual cuja chama pode até vir a se apagar no instante de um encontro passageiro (o *ficar*) quanto no anseio de uma relação duradoura que alicerce sonhos e fantasias de vínculos e trocas eróticas capazes de superar a enfadonha rotina vivida pelo casal Eros não mede esforços e corre riscos lançando-se na busca de sua realização.

Audacioso, Eros desafia as interdições morais e religiosas e se alimenta de fantasias cujas realizações só a tão sonhada completude pode possibilitar: sincronicidade que abarca a um só tempo cumplicidade, erotismo, companheirismo, compreensão, abnegação, tolerância e muita criatividade.

Tudo isso na dose certa, como se assim fosse possível.

Todavia, sonhos são sonhos. E quem de nós, seres mortais, não sonhou com o extraordinário encontro amoroso com aquele(a), com quem se estaria tão sincronizado(a) que se permitiria mergulhar com intensidade nas profundezas do eu e transitar com ele(a) a trilha da total intimidade que só o prazer erótico é capaz de possibilitar?

Nessa busca, Eros se revela incansável! Como nos dizeres de Barthes (2003, p.11), *encontro em minha vida milhares de corpos; desses milhares posso desejar centenas; mas dessas centenas, amo apenas um. O outro de que estou enamorado me designa a especialidade de meu desejo.*

Às vezes, esse amor chega de mansinho e vai se alojando, outras vezes chega de improviso e, sem pedir licença, surge já instalado. É Eros que se lança e, não raro, dissimuladamente trafega por sinuosos caminhos. Alguns de difícil acesso, exigindo-lhe cuidado, ousadia e até disfarce, a exemplo da bissexualidade, da travestilidade episódica vivida por alguma mulher e algum homem casados, isto sem falarmos de suas pegadas, que podem provocar desentendimentos, angústias e sofrimentos vivenciados nos momentos de separação e perda, ou de delírio, êxtase, alegria e plenitude nos momentos de apaixonamento.

A flexibilidade e pluralidade de Eros no anseio de sua realização constituem-se em sua dinâmica, seu movimento. Para a mitologia grega, Eros é o deus do amor, da vida e do movimento. É vida e alegria. É o princípio de ação, símbolo do desejo; é, enfim, a libido. É a magia da vida materializada. (BRUNS, 2010 p.14)

Magia que pode nos colocar diante de situações dolorosas, especialmente quanto à *chegada, permanência e partida* de Eros. *Isto porque às vezes ele chega quando não esperamos e outras parte quando ainda clamamos por sua permanência. Algumas vezes, parte deixando a impressão de que se foi tarde.* (BRUNS, 2001 p.10)

Nesse descompasso entre a *chegada, permanência e partida* de Eros, os sonhos e fantasias de amor duradouro, são solapados pelos tornados que nos desestabilizam e nos arremessam de encontro à crua realidade de que a estabilidade e a segurança tão apregoadas e almejadas por homens e mulheres habitam tão somente o universo das idealizações.

É esse descompasso que se constata de modo geral nos relacionamentos quando um dos dois se encontra pronto para a partida e o outro não se deu conta das evidências, desses sinais de partida. E se os percebeu, ainda assim, precisa de tempo para digerir a perda do(a) amado(a). É que o seu tempo de partida ainda está para chegar.

Nesse desencontro, a realidade da experiência amorosa registra momentos de sofrimento e até de desespero. Para alguns homens e mulheres, a perda do objeto amado é tão intensa que eles(as) não conseguem abrir espaço para novos amores. Outros(as) abrem espaço, casam, têm filhos, mas o(a) eleito(a) amado(a) do passado continua, tal como um vulcão, a jorrar suas lavras incessantemente ao longo de toda a sua existência. Haja vista o sucesso das redes sociais como meio de busca desses amores. Outros(as), ainda, por não suportarem a perda, se alucinam e matam literalmente o(a) amado(a).

A dor da perda da pessoa amada é explicitada por Nasio (1997, p. 25) como sendo *uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto*.

Afinal, a ruptura na relação amorosa acentua a carência – o vazio ontológico que impulsiona a pessoa a buscar satisfação. Da perspectiva psicanalítica, carência é um polo organizador do desejo: só há desejo onde há falta. Por outro lado, o êxtase vivido pelos parceiros imprime a sensação da idealizada sincronia de modo a “preencher temporariamente” o vazio, a carência existencial.

Nessa trama, os dramas se constroem. Resguardadas as exceções, o(a) ciumento(a), imbuído(a) de um excesso de sentimento de posse do outro diante da ruptura dessa “idealizada sincronia” que se manifesta na fantasia de ser o(a) eleito(a) para possuir o(a) parceiro(a), ou seja, de ter encontrado sua outra metade, sua alma gêmea, com quem poderá ser feliz para sempre entra em desequilíbrio. Essa alma gêmea é o arquétipo cultural ainda presente nas idealizadas representações amorosas até hoje.

Nesse grau de desequilíbrio, o(a) ciumento(a) se alucina, enlouquece. Rompe a homeostase de seu sistema psíquico o qual, no caos, comete as mais variadas barbáries.

O “sentimento de posse” tem o poder de desestruturar, desarmonizar a integridade da própria imagem narcísica e da autocrítica, afetando assim a lucidez, a capacidade de raciocinar para acionar o autocontrole emocional. A mídia e a literatura registram diariamente crimes inimagináveis que são praticados por homens e mulheres das mais variadas classes sociais, graus de escolaridade, credos e orientações sexuais.

Para Nasio (1977, p. 189)

O ciúme é a reação a uma suposta perda do amor que o meu amado desvia de mim para um rival. O ciúme é um complexo afetivo que conjuga: a dor de ter perdido o amor do amado, a ter perdido a integridade da minha imagem narcísica, o ódio contra o rival preferido, e enfim a autoacusação contra o eu que não soube defender o seu lugar no vínculo amoroso.

Como nos protegermos dessas tramas? Difícil resposta. Mas é preciso ficar atento(a). Primeiro, eliminar, se possível, as idealizações e as projeções que nublam nosso modo de ver o outro e não deixar passar despercebidas posturas exageradas de dominação, de desconfiança; as proibições impostas por ele(a) em relação às amizades, entre outras.

Considerando a dinâmica intrafamiliar de alguns casais – independente da orientação afetivo sexual –, vemos que, com o passar dos anos de convivência, se manifesta a desqualificação por cada um dos pares dos atributos do(a) eleito(a) apreciados antes de assumirem a relação estável.

Para Bruns (2013) apelidos pejorativos referentes tanto aos aspectos físicos quanto aos psicológicos e os tais “pontos fracos” evidenciam o bullying familiar como fonte propiciadora de insegurança, baixa autoestima, estresse, intolerância e agressão física.

A violência psicológica entre cônjuges contribui para a manutenção de uma relação de total desqualificação do outro e para a formação de um laço perverso caracterizado por um movimento recíproco no sentido do domínio do parceiro, com condições e exigências que submetem a ambos. (LEVY; GOMES, 2008)

Nessa trama, os nós perversos asseguram a frágil estabilidade da vivência paradoxal do prazer e da dor de uma relação doentia aprisionada a atos de violência física, psíquica e emocional. Mesmo em tempos de amores líquidos, efêmeros, essas relações continuam “sólidas” no decorrer de 10, de 20, de até 30 anos. Unidos pelas dores, homens e mulheres encontram os sentidos para permanecerem juntos.

Que amores são esses que permanecem, assim como uma “impressão digital”, invisíveis a olho nu, contudo, marcas límpidas, gravadas

em nossas memórias? Com que trama é tecida esse tipo de laço amoroso? O que faz esse amor ser tão especial?

Os fragmentos de relatos abaixo são reveladores da singularidade e da significância atribuídas à experiência amorosa, vivida por três homens¹.

Apolo, 55 anos, profissional liberal, casado há vinte e sete anos, três filhos, relata:

Quando eu a conheci, eu era noivo e ela também. Rompemos com esses compromissos e confesso vivi com essa mulher, que na época era uma jovem universitária, o que considero hoje, após 30 anos, os melhores momentos de minha vida. Nossa afinidade era total, ela sabia me ouvir, carinhosa, inteligente e éramos muito iguais. Foi fulminante nosso encontro. Antes dela, eu tive outros amores... e tenho até hoje, mas não consigo esquecê-la, esse é o meu segredo. Às vezes, quando ouço uma música, ou simplesmente um andar ou um gesto de uma outra mulher, desencadeiam lembranças e saudades de um tempo em que fui muito feliz. Separamos porque eu não tive coragem para assumir uma mulher independente. Ela era independente demais e eu tive medo, nessa época eu tinha 25 anos. Fui influenciado pela minha mãe que dizia: 'Essa moça é livre demais, ela não será uma boa esposa'. Segui esse conselho e voltei com a ex-noiva, me casei, tive filhos. Segui o curso da vida. Hoje estou velho e avalio o quanto construí uma vida sem afeto e tesão. E sempre me pergunto: Para que serve a riqueza que adquiri em todos esses anos se não sinto alegria?

É tão sorrateiro o amor que, às vezes, basta o som de uma música ou um simples gesto para desencadear a lembrança, a saudade de momentos que foram vividos de um modo especial, incomum, extraordinário. (BRUNS, 2001 p. 10)

¹ Diante do sucesso da busca de amores vividos nas redes virtuais, realizadas por homens e mulheres independentes da classe social, idade, graus de escolaridade, orientação afetiva sexual, decidi focar minha atenção nas seguintes questões: Com que trama é tecida esse tipo de laço amoroso? O que faz esse amor ser tão especial?

Buscando responder essas indagações entrei em contato com amigos e amigas e convidei-os a relatarem suas histórias de amor. Utilizando essa questão: Na sua historia de vida, você teve uma experiência amorosa que continua ressoando no presente? Relate-me como foi e como tem sido conviver com essa experiência amorosa no decorrer de sua vida. Para minha surpresa, esses amigos(as) foram comentado para outros amigos(as) e hoje eu tenho mais de 80 histórias de amores vividos por homens e mulheres que permanece como uma "impressão digital", invisíveis a olho nu, contudo, marcas límpidas, gravadas nas memórias? Desse montante usei neste Capítulo três relatos de homens para elucidar a compreensão desse "sólidos" amores em tempos de amores "líquidos e efêmeros". É a escolha dos relatos de três homens deve-se ao arquétipo cultural de que os homens transitam por vários amores de modo a não se permitirem vínculos duradouros. Neste Capítulo, o foco recai em amores heteroeróticos. Mas tenho nesses 80 relatos as outras expressões de orientações afetivo-sexuais que comporão outros capítulos de livros.

Todavia, relações consideradas à margem das normas sociais vigente, mesmo em tempo de liberdade sexual, eram e são ainda consideradas por muitas famílias uma ameaça à ideologia da família nuclear patriarcal. Haja vista os preconceitos até hoje explicitados com relação às uniões homoeróticas e até heteroeróticas quando o homem é mais novo que a mulher. A mulher ser mais velha que o homem é um estigma veiculado e internalizado pela “ideologia das normalidades” que se encarrega de denegrir a união com piadas pejorativas de modo que o casal não resista e se separe.

Como nos dizeres de Caruso (1982, p. 148), (...) *nenhum membro da sociedade pode escapar da ideologia muito menos os amantes. O estigma do princípio de morte – presente num sistema social de dominação que aumenta o nível de entropia da sociedade – transfere-se daí para uma entropia negativa do prazer.*

Nesse sentido, romper com o aprisionamento ao modelo ideológico demanda que o sujeito conscientize-se das artimanhas inconscientes e das tramas subliminares que foram internalizadas e que servem de suporte, de modelo, e ressoam em nossos atos e atitudes. Romper essas tramas é um processo difícil que exige do sujeito uma estrutura psíquica resistente aos ataques e manipulações familiares, sociais e culturais. Sucumbir a elas é mais fácil.

No entanto, organizações a favor das diversidades sexuais vêm abrindo brechas e favorecendo a visibilidade pública dos chamados “amores improváveis que deem certo” – dentre muitos, os mais comuns são os amores homoeróticos; amores na velhice; amores entre um(a) negro(a) e um(a) branco(a); e até os amores entre sujeitos de crenças religiosas hiper diferentes.

Conscientizarmo-nos de que nossas escolhas amorosas estão ancoradas em modelos ideológicos e que correm o risco de serem inautênticas é um processo longo que muitos desistem de perscrutar sua origem, até mesmo com o auxílio de alguns terapeutas.

Dessa perspectiva, “Moça livre, estudante que morava em república” representava uma ameaça ao projeto familiar apregoado pela mãe do jovem promissor profissional liberal. Mais fácil foi desistir e casar com a escolha materna e passar longos anos numa “relação provável que daria certo”.

E o que é dar certo? Pela *entropia negativa do prazer*, “dar certo” é atender à *ideologia vigente dominada pelo estigma da dor e da morte*, conforme nos diz Caruso (1982, p. 148) e ilustra Apolo quando externaliza: *Hoje estou velho e avalio o quanto construí uma vida sem afeto e tesão. E sempre me pergunto: ‘Para que serve a riqueza que adquiri em todos esses anos se não sinto alegria?’*.

Dionísio, 45 anos, militar, viúvo há quatorze anos. Após dois anos de viuvez iniciou um relacionamento com uma executiva de 50 anos, divorciada, que durou cinco anos.

Nossa separação ocorreu há três anos, mas guardo comigo até hoje a mensagem enviada a ela com a esperança de reconciliação: “Meu amor, estou sofrendo muito com nossa separação. Amo-te demais, estou morto de saudades de você. Sinto falta do seu cheiro e de seu corpo. Por favor, dê-me uma chance mesmo que seja a última, prometo não decepcioná-la nunca mais. Pense nos nossos momentos felizes. Preciso de você. Te amo do fundo do meu coração, por favor, atenda a este apelo. Um enorme e saudoso beijo”. O tempo passou e ela não me respondeu, mas eu sinto muita falta dessa mulher, ela é a fiel companheira de minha solidão.

Ao revisitar sua vivência amorosa com a executiva que se manteve em silêncio por três anos, Dionísio sofre pelo desinvestimento da representação psíquica da amada. Como nos dizeres de Nasio (1997, p. 31), *o que dói, não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais do nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido.*

Hercules, 53 anos, empresário, separado, três filhas, relata:

Após prestarmos o vestibular, tivemos que seguir nossas escolhas profissionais, e ela foi estudar a mais de três mil km da minha universidade. Fui visitá-la muitas vezes, mais fui definhando... Sentia tanta falta dela que fiquei doente por sua ausência... Éramos um inteiro, estudávamos juntos, passávamos e fazíamos planos para continuarmos nossas vidas. Lembro-me que sofremos muito, muito mesmo, na despedida. Casei com outra mulher, tive filhos, me separei e continuo amando-a. Sabe que há uns dez anos atrás eu não resisti, utilizei todos os meios e consegui entrar em contato com ela. Telefonei e ao ouvir sua voz, não acreditava que era verdade. Pensei: “Estou sonhando!” Marcamos um encontro e passamos um final de semana juntos. Foi como se o tempo não tivesse passado. Revivemos tudo e retomamos o curso do tempo, com suas ciladas. Ela é uma famosa profissional, casou, é mãe. Pensamos em retomarmos a nossa história, mas na nossa história tem muitas outras histórias – filhos, esposa, marido, trabalho, tra-

balho. Mexer nisso tudo? Como mudar tudo? Chegamos à conclusão que seria impossível. Passados mais três anos ela me ligou propondo um novo encontro... Mas os compromissos profissionais naquele dia impediram-me de ir ao seu encontro. Sofri muito, mas como sair de uma hora para outra? Meu trabalho exige planejamento para eu poder ausentar-me. Depois dessa tentativa, mantemos o silêncio. Sei que sou para ela o que ela é para mim. [Mais um silêncio... interrompe o diálogo interno e, com os olhos marejados de lágrimas, pede para a entrevistadora lhe responder] Por que esse amor se mantém no decorrer de todo esse tempo? Por que esse amor se mantém? Por que o esquecimento não consegue se instalar e apagá-lo de minha memória? Que amor é esse?

Para Hercules, a intensidade do prazer erótico, a cumplicidade e intimidade, mantêm acesa a presença imaginária da amada, seja religando o passado ao presente e ao futuro, seja como um espelho interior a refletir a própria imagem. A plasticidade do inconsciente explicita o sabor único do desejo. Assim, a significância da relação amorosa continua sendo como uma “impressão digital”, invisível a olho nu, todavia, límpida, gravada em suas memórias.

A dor desencadeada pela perda da pessoa amada se expressa também por sinais corporais. Esses sinais são desvelados no testemunho de Hercules: *Fui visitá-la muitas vezes, mais fui definhando... Sentia tanta falta dela que fiquei doente por sua ausência... Éramos um inteiro, estudávamos juntos, passeávamos e fazíamos planos para continuarmos nossas vidas.*

O corpo fala, e fala da experiência da angústia, da solidão e da desmotivação, por não conseguir atribuir significado e sentido à vida, diante da ausência do ser amado.

Segundo Caruso (1982), a separação amorosa é uma das experiências mais dolorosas vividas pelo ser humano, sendo pior do que a própria morte física. Há na separação dos amantes uma sentença de morte recíproca, isto é, o outro morre, em vida, dentro de mim enquanto eu morro na consciência do ser amado. É o sentimento de que, apesar de me encontrar viva em meu corpo, sou um cadáver para o(a) eleito(a) amado(a). Na visão desse autor, a separação é vivenciada de modo equivalente ao processo abortivo, é o arrancar a vida que floresce dentro do ser.

E Nasio (1997, p. 32), corroborando essa visão, afirma: “A pessoa amada é para o eu tão essencial quanto uma perna ou um braço. Seu desaparecimento é tão revoltante que o ‘eu’ ressuscita o amado sob a forma de um fantasma. Desse modo, o amado continuará tal qual um fantasma, a habitar o ‘eu’.”

Assim, ao revisitarem suas experiências amorosas demarcadas pela sincronização erótica intensa, esses três homens desvelam suas alegrias, dores, angústia, solidão e desprazeres por não terem ultrapassado/superado os empecilhos impostos ora pela não aprovação da mãe pela amada eleita por Apolo; ora por Hércules não suportar a distância que o impedia de compartilhar sua rotina com a amada, ora pelo silêncio que demarcou a não reconciliação da executiva por Dionísio.

Nota-se que esses homens ficaram aprisionados ao tempo vivido desses amores de tal modo que nem outros relacionamentos conseguiram (*des*)imantá-lo. *Ela continua, como sombra, a seguir os meus passos*, relata Dionísio enquanto Hercules indaga: *Por que esse amor se mantém no decorrer de todo esse tempo? Por que esse amor se mantém? Por que o esquecimento não consegue se instalar e apagá-la de minha memória?* Fica evidente a perplexidade diante do enigma da im-permanência do desejo de eleger o ÚNICO, ESPECÍFICO. Visto ser a im-permanência o estado de ser de Eros – deus da vida e do amor – instância energética inseparável de Thanatus, deus da dor e da morte.

Desejo que se alimentado pela falta, pela carência. Somos todos carentes de amor. *Se a insatisfação é viva, mas suportável o desejo continua ativo e o sistema psíquico continua estável. Se, ao contrário, a satisfação é demasiado transbordante ou se a insatisfação é desmedida, o desejo perde o seu eixo e a dor aparece.* (NASIO, 1997, p. 35-36).

Considerar a amada eleita insubstituível ao longo de décadas, pela perspectiva de Násio, ocorre porque cada um teve o seu desejo progressivamente plasmado à *sinuosidade do fluxo vibrante do desejo* da amada e sofre pela *insatisfação* desmedida desencadeada pela separação.

Nesse trajeto, Eros realiza sua hermenêutica ao circunscrever nossa carência irredutível. Carência que não só aspira ao desejo como o organiza e nos orienta para a vivência do prazer extraordinário, nos momentos

de sincronia erótica e da dor alucinante nos momentos de ruptura do vínculo amoroso.

Nessa dialética, a memória de tempos vividos ultrapassa as fronteiras do tempo cronológico/sequencial/quantitativo, o qual segundo a mitologia grega é regido pelo deus Kronos. Acontece que o tempo desses amores é regido pelo deus Kairós, que se refere à qualidade do tempo que foi vivido. Essa especialidade da qualidade da sincronia da relação vivida é que continua viva e pulsa com intensidade e singularidade possibilitando a esses homens atribuírem sentido único às suas experiências.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRUNS, M. A. T. *Paradoxo do amor e do ódio em tempos de relações descartáveis*. Comunicação oral apresentada no VIII Encontro Ibero-americano de Educação/UNESP “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras - campus de Araraquara/SP, 2013.

BRUNS, M. A. T. A paixão. In: BRUNS, M.A.T.; ALMEIDA, S. (Org). *Sexualidade: preconceitos, tabus, mitos e curiosidades*, 2. ed. Campinas, SP: Átomo, 2010.

BRUNS, M. A. T. *O amor rompendo preconceitos*. São Paulo: Ômega, 2001.

CARUSO, I. *A Separação dos amantes: uma fenomenologia da morte*. São Paulo: Cortez, 1982.

LEVY, L.; GOMES, I. C.; Relação, Violência Psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652008000200012>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

NASIO, J. D. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.